

RIO 2016: O que está por vir?

O orçamento gasto com estádios e obras de infraestrutura para as Olimpíadas de 2016 é de 28,8 bilhões de reais, ou seja, oito vezes maior que o valor do PAN 2007. Apesar de mais caro, o projeto tem semelhanças: está focado na Barra da Tijuca e no transporte rodoviário. Ainda assim, o debate sobre a redução do preço das tarifas, uma das maiores da América Latina, não figura na agenda política.

As novas instalações são construídas antes mesmo de um estudo que aponte uma destinação clara de uso após os jogos. As que já existem precisam passar por reformas que atendam critérios de público e segurança exigidos pelo COI. Além das arenas, também serão construídos um centro de mídia e outra Vila Olímpica. O financiamento dessas obras segue os mesmos moldes de uso do dinheiro público durante o Pan de 2007. São recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) sendo revertidos para o atendimento de interesses privados.

DENUNCIAMOS:

A remoção forçada de comunidades pobres. A mais ameaçada é a Vila Autódromo, que circunda a região de competições. No projeto apresentado ao COI, a comunidade não EXISTE nos mapas, demonstrando o total **descompromisso do projeto com as demandas por justiça social na cidade.**

Que os interesses dos investidores passam por cima dos da população; que a construção da vila olímpica beneficia à classe alta; e que a primoridade hoje é investir em grandes estádios no lugar de escolas e hospitais.

Que hoje, em nome do “espírito olímpico”, existe a militarização da cidade. O endividamento público é irracional. Essas ações atendem a interesses privados, que são colocados acima do pagamento da dívida social com a população.

É preciso resistir, denunciar e agir em cada espaço, seja local, estadual, nacional e global contra estes desmandos. Eventos de menos de 20 dias não podem ser mais importantes que a vida de populações.



Dívida Social e Mega Eventos Esportivos

Quem paga a conta da Copa 2014 e das Olimpíadas 2016?

A cidade do Rio aguarda os jogos Mundiais Militares de 2011, a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Esses espetáculos são vendidos mundialmente como geradores de vantagens econômicas às cidades que se tornam sede.

Mas a experiência internacional mostra que o que fica no longo prazo : o alto endividamento público, remoções de comunidades pobres, distribuição de benefícios desiguais, corrupção, superfaturamento, praças esportivas inutilizadas e militarização da cidade. Essa é uma realidade que não aparece nas propagandas dos jogos.

Os impactos públicos são sobrepostos historicamente aos ditos “legados olímpicos”. Esses legados, ou benefícios, quando existem, são temporários e apropriados por uma minoria na cidade: os mais ricos.

A recente experiência dos Jogos Panamericanos de 2007 é um exemplo do fracasso social e urbano da ligação feita entre megaeventos e uma política de desenvolvimento democrática e sustentável. Essa é uma lógica irresponsável que cria expectativas na população.

Cabem as perguntar: Quem ganha e quem perde quando esses eventos são tidos como “prioridades públicas”? Os investimentos estão voltados para solucionar a dívida social com as populações marginalizadas ou para atender às grandes empresas? O que será feito dos estádios após as competições?

Mega eventos esportivos internacionais e a geração de dívidas sociais e financeiras

“Os 6 Bilhões de dólares das Olimpíadas de Inverno Vancouver 2010 continuam crescendo, com mudanças no orçamento e transferências ocultas. As cidades sedes acumulam grandes dívidas: os Jogos de Montreal 1976 só se pagaram em 2006; Calgary (Canadá) acumulou uma dívida de 910 milhões; Barcelona-92, 1,4 bilhões em dívidas; Sydney-2000 2,3 bilhões em dívidas. [...] As Olimpíadas são um custoso circo das corporações (durante uma crise econômica) que vai custar a todos nós nos próximos anos”
<http://olympicresistance.net/>

O alerta acima é da rede de cidadãos resistentes às Olimpíadas de Inverno 2010 em Vancouver, Canadá. Eles se organizaram para questionar os impactos negativos dos jogos como o corte de 100 mil árvores, a invasão de terras indígenas, a militarização do espaço urbano e os custos financeiros a serem pagos pelos contribuintes.

Os Jogos de Verão em Montreal (1976), também no Canadá, ficaram conhecidos mundialmente pela dívida gerada com a construção e manutenção de seu estádio olímpico- apelidado de *The Big Owe* (a grande dívida). O dívida só foi paga trinta anos depois!

Os Gregos vivem uma grande crise com uma dívida de 295 bilhões de Euros, 20% a mais do que o PIB do país. Eles atribuem seus atuais problemas, em parte, aos custos de realização das Olimpíadas em 2004, ao pouco incremento do turismo e aos custos de manutenção de quase 20 praças esportivas mal utilizadas.

Na China, o estádio “Ninho do Pássaro”, das Olimpíadas de Pequim (2008) é considerado um “Elefante Branco”. Não recebe eventos ou competições esportivas. Estima-se que os chineses gastaram pouco mais de 40 bilhões de dólares. Foram os jogos mais caros da história. Houve muitas remoções da população.

A organização internacional “*Centre on Housing Rights and Evictions*” (COHRE) destaca que em função dos Jogos Olímpicos¹ mais de dois milhões de pessoas foram deslocadas e expulsas de onde viviam nos últimos 20 anos.

¹ <http://www.cohre.org/mega-events-report>

Com a realização desses megaeventos, as estatísticas evidenciam não apenas gastos dos governos e dívidas financeiras abstratas, mas impactos concretos na vida dos habitantes. Suas conseqüências desvirtuam e comprometem o orçamento público - o dinheiro do povo durante anos ou mesmo décadas .

Este tema deve ser debatido e questionado pela população. É preciso denunciar os megaeventos esportivos e seus promotores, em solidariedade aos movimentos e redes internacionais, como **geradores das dívidas sociais**.

O que ficou dos Jogos Panamericanos de 2007

O relatório do Tribunal de Contas da União (TCU), de setembro de 2008², aponta que os gastos totais chegaram a cerca de 3,3 bilhões de reais. Em 2001, porém, o orçamento previsto para o Pan era de aproximadamente 400 milhões de reais.

O documento apresenta irregularidades significativas na prestação de contas dos jogos, fruto da falta de planejamento do Comitê Organizador. Destacam-se: o aumento dos preços das obras em função dos atrasos, e o alto custo total para estadia de cada atleta, estimado em R\$ 1.137 por dia, muito superior às diárias de aproximadamente R\$ 600 nos luxuosos hotéis da Barra da Tijuca que hospedaram dirigentes.

Em relação à gestão urbana, obras tidas como chave para a aprovação do projeto na época, como o metrô para a Barra da Tijuca e a despoluição das lagoas, não foram realizadas. Houve também a privatização do maior centro de convenções da cidade, o RIOCENTRO, por um preço subvalorizado; ameaças de remoção de comunidades; construção de uma garagem para barcos na Marina da Glória em um local tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional; intervenções no entorno do Autódromo Nelson Piquet, que teve sua pista original descaracterizada; além do aproveitamento elitista da Vila do Pan.

Mais informações:

Rede Jubileu Sul - www.jubileubrasil.org.br
PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul – www.pacs.org.br

² Disponível em
http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/imprensa/noticias/noticias_arquivos/Pan.doc